

5

Minha Carta Chegará ao Seu Destino?

*Conservar o meio-termo entre os exageros, ou seja, julgar corretamente as cartas, é impossível; elas mudam continuamente de valor, as reflexões a que dão ensejo são infundáveis e o ponto em que se deve parar é apenas definido pelo acaso, ou seja, a opinião também é casual. (Kafka, **O Castelo**).*

O irmão de Lacan, Marc-François Lacan, um monge beneditino, nos brindou, ao escrever um obituário para seu irmão, com um belíssimo texto intitulado “Lacan e a Busca da Verdade” (1981). Nesse texto, ele diz que é importante lembrarmos que Lacan era um homem, antes e acima de tudo; e, sendo um homem, ele era um mistério insondável:

As ciências do homem são sem dúvida assim chamadas porque nos enriquecem com um saber sobre diversas dimensões do homem; ao fazê-lo, nos permitem ocultar e esquecer nossa ignorância do homem em-si mesmo, nossa desatenção para o fato de que cada homem é um mistério. Um mistério que segue sendo insondável (Lacan, M., 1995/1981, Litoral, 20, p. 43).

Marc-François em seguida nos diz que Lacan era conhecido como psicanalista, mas também como filósofo e poeta. Interessante, o irmão de Lacan reconhecer o lugar deste como poeta. Poeta porque deixava a verdade falar sob a noção de inconsciente. Essa é a poesia do psicanalista, saber que a verdade segue sendo buscada e que só pode falar sob a palavra desse outro absoluto que jamais a entrega plenamente ou definitivamente.

O real é em efeito inacessível em sua plenitude. O reduzimos ao que sabemos dele. Não obstante, podemos nos abrir ao conhecimento do real e responder desta forma ao desejo profundo que nos constitui. Mutilar esse desejo nos adocece, psicologicamente ou espiritualmente. A saúde, como a santidade, exige que busquemos a verdade e sendo assim que a escutemos falar (Lacan, M., 1995/1981, Litoral, p. 45).

Se Lacan, na década de 1950, empolgado com os trabalhos de Lévi-Strauss, acreditou poder situar a psicanálise como uma ciência pela via do modelo estruturalista, anos depois ele reconheceu que seu projeto malogrou porque a psicanálise é uma *práxis*. Contudo, é numa poesia escrita por Lacan, antes mesmo de completar 30 anos, que vemos como seu desejo pelo conhecimento jamais esmoreceu e que desde cedo ele sabia dos limites da palavra como veículo de uma plenitude. Ao falar de um hiato irracional e convocar o pensamento originário de Heráclito, marcado pelo devir, pelo fluxo das coisas, pelo “tudo passa” (*panta rei*), pelo fogo como *arkhê* das coisas, Lacan escreve uma bela poesia:

Panta Rei

Coisas, que corra em vós o suor ou a seiva,
 Formas, que nasçais da forja ou do sangue,
 Vossa torrente não é mais densa que meu sonho;
 E, se não vos persigo com um desejo incessante,

Atravesso vossa água, precipito-me para a margem
 Onde me atrai o peso de meu demônio pensante.
 Só, ele se choca contra o solo duro sobre o qual o ser se eleva,
 Contra o mal cego e surdo, contra o deus privado de sentido.

Mas, logo que todo verbo pereceu em minha garganta,
 Coisas, que nasçais do sangue ou da forja,
 Natureza, - perco-me ao fluxo de um elemento:

Aquele que dormita em mim, o mesmo vos levanta,
 Formas, que corra em vós o suor ou a seiva,
 É o fogo que me faz vosso imortal amante.

(A poesia foi enviada em 1929 a Ferdinand Alquié e publicada em 1933 com o título de “Hiatus Irrationalis” na revista *Le Phare de Neuilly*).

Parece-me que Lacan reconhece nessa poesia o fluxo incessante, a impossibilidade do verbo, que morre na garganta, circunscrever todo real. A torrente das coisas da natureza é mais forte que seu sonho de sabedoria, mas não mais forte que seu amor pelo buscar saber, parece-me, nos diz o poeta Lacan. O desejo de conhecer e a busca da verdade, fontes originárias do esforço poético por sentido, esforço por costurar um véu para cobrir e descobrir o que segue emergindo em fluxo incessante, esforço para escutar mais do que dizer um sentido. A poesia emerge quando o outro está dentro do poeta, quando a vida em alguma das suas misteriosas manifestações adentra as vísceras do poeta. Tomado por essa

invasão, perplexo diante desse outro que se faz tão íntimo, tão familiar e simultaneamente desconhecido, como nos disse Freud sobre o *Unheimlich*, o poeta – a criança - precisa criar, e então ele re-vela, pois essa é a possibilidade que sua linguagem simbólica, atravessada pela *différance*, pelo espaçamento irreduzível, lhe propicia. A re-velação poética, embora para que alcance o estatuto de Arte, precise em cada época responder e alcançar certos padrões de beleza e forma, faz parte da vida cotidiana de todos os seres que não negam o mistério e que seguem, falando ou calando ante o enigma de ser, fazendo poesia, amando as coisas e lutando contra o esmagamento pelo absurdo. O dispositivo analítico, ao convocar a fala, ao favorecer o contato com o Outro, com o Inconsciente, com o Impossível de dizer, com o que não pode ser substancializado ou sintetizado, surge como lugar mesmo da criação, da invenção, da re-velação de si e do mundo, ordenando, desordenando, reordenando e exigindo assim o grande trabalho para habitar, o trabalho poético anterior e condição de possibilidade para o trabalho lógico e os trabalhos técnicos.

A discussão a seguir tentará exemplificar, através do debate entre Lacan e Derrida, a diferença entre uma repetição que encontra sempre os mesmos motivos e uma repetição que nos mesmos motivos pode encontrar uma diferença, algo que reaproprie de modo diferente o que está além do além de todo princípio de compreensão. O que mais me incomoda é a idéia de que se possa circunscrever ou delimitar, por algum modo de entendimento ou interpretação, a carta que Allan Poe, não apenas no seu conto *The Purloined Letter*, tema de nossa discussão a seguir, mas em sua obra, nos enviou e que seguirá chegando. Ao entificar essa carta, Lacan, no seu seminário sobre o referido conto, enclausura-se – enclausuramos - e vela o que os poetas, apaixonados ou furiosos, seguem re-velando. O inconsciente não suporta o excesso de teoria acerca dele!

5.1

A Carta Rasgada: Dupin, Matemático E Poeta. A Cena de uma Leitura¹⁴³...

*Ficariamos convencidos se o belo, que é valor e força, pudesse ser submetido a regras e esquemas. (Derrida, **Força e Significação**).*

Ao entrar na querela em torno do famoso conto de Edgar Allan Poe, *The Purloined Letter*, pretendo debater a leitura de uma obra poética e, especialmente, a leitura por um psicanalista: a que se presta essa leitura? Não indicaram Freud e Lacan que o poeta abre caminhos para o psicanalista? Pode-se reduzir uma obra de arte a uma teoria, estética ou não? Diante dessas questões, interrogar a leitura brilhante e elegante, porém reducionista e direcionada que Jacques Lacan (1966/1998) fez do conto *The Purloined Letter* de Edgar Allan Poe, será a base para refletir. Terei como aliado nesse questionamento o filósofo Jacques Derrida com seu trabalho “Le Facteur de la Vérité”(1987[1975]). O que Lacan encontra nesse conto de Poe? Algo além do que de antemão pretendia encontrar? A Psicanálise aprende ou ensina quando está diante de uma obra poética? Como o inconsciente pode falar através da poesia se a poesia é reduzida a uma estrutura que não admite um além ou que só admite um único além, a castração no seu eterno lugar?

Vou inicialmente fazer um brevíssimo resumo do conto do escritor norte-americano: o conto intitulado *A Carta Roubada* narra a história do roubo de uma carta recebida pela rainha da França. A carta é roubada por um ministro, D., diante do olhar da rainha e na presença do rei que nada percebe. A rainha vê o roubo da carta, mas nada pode fazer, pois não quer que o rei tome conhecimento da existência da correspondência. O ministro, de posse da carta, passa então a chantagear politicamente a rainha. Esta convoca a polícia para ajudá-la a reaver o objeto roubado, mas após infundáveis buscas pela carta, o chefe de polícia está

¹⁴³ Cena da leitura em contraponto ao que Derrida chama de “cena da escritura”. A cena da escritura implica no próprio momento singular do ato de escrever e sua relação com quem escreve. Entendendo que para Derrida escrever é um ato de força e criativo.

absolutamente aflito por não encontrá-la e decide procurar o misterioso Dupin. Este é conhecido pela sua habilidade em decifrar enigmas e mistérios, pois já havia ajudado a polícia francesa a solucionar outro caso¹⁴⁴ estranho. Dupin, relata então como, com toda a sua habilidade e inteligência, recuperou a carta roubada. Além disso, Dupin recorre a uma série de artifícios metafóricos para explicar o seu método e suas deduções para descobrir o paradeiro da carta roubada. Por fim, fica evidente que Dupin possuía alguma relação estranha com o ministro D., a qual não é esclarecida pelo conto, e vingam-se deste no desfecho da história.

Tanto Lacan no seu seminário como Derrida no seu comentário ao seminário de Lacan, necessitaram do conto de Poe para justificar a cena de suas leituras. Leituras ambas interessantes, porém leituras que não esgotam as possibilidades interpretativas do conto de Poe, isto é, não explicam todo o desconhecido, o surpreendente, o estranho, o inconsciente, a própria plurivocidade desse pequeno conto. Não importa tanto se vamos tomar o conto como parte de uma obra maior – a de Poe no caso - ou como fragmento isolado. O fato é que existe uma cena da leitura. A cena da escritura acerca do conto de Poe é absolutamente influenciada pela cena das leituras do mesmo conto, a leitura lacaniana buscando comprovar a supremacia do significante e o inconsciente estruturado como linguagem, como Outro cuja estrutura foi desvelada; e a derridiana tentando desconstruir a leitura lacaniana (diretamente relacionada com o que Derrida denominou “Falocentrismo” e que sua filosofia desconstrutivista intentava questionar¹⁴⁵) e mostrar que a verdade ainda está por ser entregue, isto é, que uma carta pode não chegar ao seu destino ou pode chegar a outros lugares.

Lacan abre o Seminário sobre *The Purloined Letter* da seguinte forma:

Nossa investigação levou-nos ao ponto de reconhecer que o automatismo de repetição (Wiederholungszwang) extrai seu princípio do que havíamos chamado de insistência da cadeia significante (Lacan, 1966/1998, p. 13). E adiante: “Mas nós estabelecemos que é a lei própria a essa cadeia que rege os efeitos

¹⁴⁴ No conto de Poe intitulado *The Murders in the Rue Morgue*.

¹⁴⁵ Na conferência intitulada “For the Love of Lacan” (1998[1996]), proferida em 1990, Derrida esclarece esse ponto em que o desenvolvimento da teoria lacaniana utiliza preceitos filosóficos que ele, na mesma época, fazendo parte de uma nova geração de filósofos, já considerava não válidos e passíveis de serem desconstruídos.

psicanalíticos determinantes para o sujeito...”(Ibid., p. 13). Então, o psicanalista francês arremata: “Foi por isso que pensamos em ilustrar hoje a verdade que brota do momento do pensamento freudiano que estamos estudando, ou seja, que é a ordem simbólica que é constituinte para o sujeito (Ibid., p. 14).

Na abertura da sua coletânea de escritos, Lacan já anuncia seu encontro com a verdade no conto de Poe, “pois deciframos aqui na ficção de Poe” (Ibid, p. 10). No decorrer do referido seminário comenta que tudo no conto “se desenrola como um relógio” (Ibid., p. 15) atestando que a escrita do conto decorre da verdade de que “o sujeito segue o veio do simbólico, mas isso cuja ilustração vocês têm aqui [no conto de Poe] é ainda mais impressionante: não é apenas o sujeito, mas os sujeitos, tomados em sua intersubjetividade, que se alinham na fila” (Ibid., p. 33). Ou seja, nada da escritura de Poe tem relação com alguma singularidade ou desconhecimento, seja do próprio autor, seja de seus personagens. Estamos todos submetidos ao significante e à castração, de forma uniforme, na cadeia significante, seguindo esse veio universal e estruturado do simbólico, inclusive a própria poesia de Poe. Está tudo decifrado e estruturado para garantir o lugar de ciência para a psicanálise. Assim, Lacan não apenas mutila – mesmo que com elegância e inteligência – o conto de Poe, como o torna fruto de uma verdade já sabida e inevitável e não um ato criativo do poeta na sua relação singular com a Língua. Em certos pontos do Seminário sobre A Carta Roubada é como se Poe fosse absolutamente desnecessário na produção de sua obra, como se não houvesse uma autoria possível. A assinatura deixa de ser algo que porta um impossível a seguir chegando e passa a ser inexistente. O inconsciente explicado torna-se mais um ente, mais um artefato descrito pela tecnologia, um relógio.

Obviamente, Lacan relendo Freud é *sabedor do funcionamento desse relógio*, dessa máquina humana, sem pesar o fato de que é de um funcionamento estranho e singular a cada sujeito inserido na linguagem e a cada (des)encontro que se trata. A única sobredeterminação em questão no presente texto é aquela mesma expressa no Seminário da Carta Roubada, isto é, o inconsciente estruturado como linguagem, pensada de uma forma que não deixa brechas para a singularidade na relação com a Língua. No texto, Lacan não leva em conta a sobredeterminação inconsciente, única em cada sujeito falante, e que inclua algo

da sua pulsão como além. Obviamente, reduzir o conto de Poe a essa escritura sobredeterminada pelo Outro é eliminar qualquer possibilidade, não apenas de autoria, mas de uma relação singular, individual e única do poeta com a Língua. Isto é, o poeta nada teria a ver com sua criação, e nem mesmo a criação seria criativa.

Lacan racionaliza e limita o conto para fazê-lo um exemplo da verdade do seu ensino. O que está em jogo no presente trabalho não é avaliar o colossal edifício construído por Lacan para sustentar o inconsciente estruturado como uma linguagem, isto é, para tornar a psicanálise uma ciência cujo componente material estruturante seria o significante¹⁴⁶. O que está sendo interrogado aqui é o limite que, ao fazer essa leitura direcionada do conto, Lacan impõe à pluralidade, à polissemia e ao próprio conteúdo inconsciente de uma obra poética como *The Purloined Letter*, limitando e fazendo questão de limitar outros sentidos que o conto pudesse ter. Assim, chega inclusive a ironizar, no seu seminário, os momentos em que Poe - através do personagem Dupin, *matemático e poeta*, duplo do autor e do ministro, quem sabe? - parece estar dizendo algo diferente do que ele, Lacan, deseja encontrar ali.

Assim como Dupin anteriormente já fizera, ao comparar o jogo de xadrez e o jogo de damas no conto *The Murders In The Rue Morgue*, nos dizendo então que para jogar xadrez basta calcular e que para jogar damas é preciso analisar, afirmando ainda que o jogo de xadrez é complexo, porém frívolo e o jogo de damas é profundo, em *The Purloined Letter*, o mesmo Dupin afirma ao analisar o personagem do ministro D. : “I know him [o ministro D] well; he is both. As poet and mathematician, he would reason well; as mere mathematician, he could not have reasoned at all...” (Poe, 1975, p. 217). Assim, Parece-me que Poe está defendendo a impossibilidade da *matema*-tica analisar a coisa humana e Lacan parece-me fazer uma análise matemática do conto de Poe ao utilizá-lo como

¹⁴⁶ Nem os desdobramentos posteriores de seu pensamento que indicam aberturas e mudanças nesse esquema excessivamente metafísico.

exemplo de uma verdade universal, de uma estrutura que determina um lugar para o que está além do além¹⁴⁷.

O que questiono é: como se pode aprender com o poeta, se já sabemos o que ele tem a dizer porque não poderia ser de outra forma? Isto é, que o falo é o significante transcendental e marco da castração e que, portanto, a carta roubada vai ser encontrada no lugar mesmo da castração, o feminino. No caso do conto, entre as pernas da lareira de um Dupin feminilizado na cena que repete o jogo instaurado na cena primária. Tudo isso que nos é dito no seminário sobre *A Carta Roubada* é apenas uma leitura possível! Lacan, para fazer ciência, acaba por fazer também uma ontologia que delimita as possibilidades do humano como todo sistema metafísico¹⁴⁸.

Na psicanálise, parece-me se tratar justamente de como cada ser humano vai desdobrar sua força pulsional no seu existir, com mais ou menos possibilidades simbólicas, com mais ou menos criatividade, estando em jogo um inconsciente que não pode ser reduzido a uma lógica que não deixe espaço para o singular e para o a seguir, a chegar na disseminação da carta! Lacan ao racionalizar e entificar a castração não apenas a sutura, como sutura a própria abertura que o conto de Poe pode nos propiciar. Ou seja, ali onde se poderia criar, encontra-se, sempre, a falta para significar o vazio.

Se Lacan não pretende uma ontologia ou uma universalidade, se tudo é uma metodologia, mesmo assim, sua leitura de Poe é uma leitura que fecha em nome de um *a priori* e, se questiono aqui o lugar epistemológico da psicanálise a partir de suas relações com a poesia, é justamente porque acredito que se trate, nas relações do pulsional com o simbólico, de uma interpretação impossível de concluir e de uma surpresa a cada encontro poético/analítico. Se for possível, num aforismo, dizer que ‘o natural é o nada’ e, num outro aforismo, que ‘o fim de todo

¹⁴⁷ É verdade que o próprio Poe fez análises bastante racionalizadoras acerca de sua criação poética. Poder-se-ia supor que como autor ele teria um “direito” maior de o fazer, mas parece-me que não, na medida em que o devir de uma obra de arte não tem proprietário. Nesse sentido, as análises de Poe, Lacan ou qualquer outro crítico não podem almejar uma teorização e medição plena e universal de uma obra poética. Menos ainda usar uma obra poética como exemplo de uma verdade universal já dada. Nenhuma obra poética pode ser reduzida a esse ponto, a um único ponto.

¹⁴⁸ Nesse sentido, Lacan estaria aliando-se ao pensamento filosófico tradicional que Derrida, na mesma época, atacava.

significante é, no seu limite de significações, um encontro com o nada e o natural da morte’, não se trataria na psicanálise e na poesia de deparar-se com *isso*, mas sempre tentando ir além? Não seria justamente nesse ponto em que o conhecimento torna-se para nós um “álibi” (Derrida) ou uma “apelação” (Camus) que ele se afastaria da psicanálise e onde poderíamos então, a partir da poesia, tentar demarcar a posição epistemológica da psicanálise? Por outro lado, refratária aos excessos epistemológicos e ordenadores do saber e da política, qual o papel da psicanálise para além do seu *setting* habitual?

Derrida abre seu artigo “Le Facteur de la Vérité” questionando o que a psicanálise descobre no texto literário:

Psychoanalysis, supposedly, is found.
When one believes one finds it, it is psychoanalysis itself, supposedly, that finds itself.
When it finds, supposedly, it finds itself/is found – something (1987[1975], p.413)

A partir daí todo artigo de Derrida é uma desconstrução da verdade que a psicanálise encontra (quando se coloca nesse lugar de saber pronto) *a priori* nos textos literários¹⁴⁹. Inicialmente o filósofo vai a Freud e depois a Lacan num extenso comentário sobre o Seminário da Carta Roubada:

From the outset, we recognize the classical landscape of applied psychoanalysis. Here applied to literature. Poe’s text, whose status is never examined – Lacan simply calls it ‘fiction’ -, finds itself invoked as an ‘example’. An example destined to ‘illustrate’, in a didactic procedure, a law and a truth forming the proper object of a seminar. Literary writing, here, is brought into an illustrative position: ‘to illustrate’ here meaning to read the general law in the example, to make clear the meaning of a law or of a truth, and of a truth that is taught, (1987[1975], p. 426)

O que Derrida mostra-nos em “Le Facteur de la Vérité” é que, para sustentar a idéia de que uma carta sempre chega ao seu destino e, conseqüentemente, promover a idealização do falo como significante transcendental e da castração como origem e fim, utilizando para essa “ilustração”

¹⁴⁹ Essa aplicação pode acontecer em relação a qualquer “texto”, inclusive e mais violentamente ao texto dos pacientes em análise.

o conto de Poe, Lacan deixa de lado uma série de questões absolutamente interessantes do conto e da sua relação direta com outros dois contos de Allan Poe: *The Murders in the Rue Morgue* e *The Mystery of Mary Roget*. Não me estenderei sobre isso aqui, mas remeto o leitor a esse belíssimo trabalho de Derrida, no qual fica claro o posicionamento de Lacan de que o significante é o mestre da verdade na poesia, e que, para ilustrar isso através de *A Carta Roubada*, o psicanalista francês exclui muitos aspectos do conto ressaltados em detalhes por Derrida. Como breves exemplos de dimensões excluídas do conto por Lacan, temos a posição do narrador da história que insere a dimensão do duplo e do estranho no conto e, conseqüentemente, o questionamento acerca da divisão do conto em dois triângulos como faz Lacan. Enfim:

One can identify, then, the most classical practice. Not only the practice of philosophical ‘literary criticism’, but also Freud’s practice he demands of literature examples, illustrations, testimony, and confirmation in relation to knowledge, truth, and laws that he treats elsewhere in another mode. Moreover, if Lacan’s statements on the relation between fiction and truth are less clear and less unequivocal elsewhere, here there is no doubt about the order. ‘Truth inhabits fiction’ cannot be understood in the somewhat perverse sense of a fiction more powerful than the truth which inhabits it, the truth that fiction inscribes itself. In truth, the truth inhabits fiction as the master of the house, as the law of the house, as the economy of fiction. (Derrida, 1987[1975], p. 426).

O que emerge como questão é o impossível de limitar da escritura de uma obra poética – no sentido amplo de poesia nesse trabalho - e a relação que isso possa ter com a pulsão. Assim, retorna, não apenas pela estrutura da língua, mas pelo desejo do autor desse trabalho a questão: qual a posição epistemológica da psicanálise quando recorre à poesia? Qual o lugar da pulsão na criação literária? Como se articulam poesia e psicanálise? O que as diferencia? Como podemos assinalar essa diferença epistemologicamente? A poesia é apenas uma produção que serve para comprovar os conceitos psicanalíticos?

Ampliar e diferenciar o sentido do conto de Poe negaria a estrutura do Outro, o inconsciente estruturado como linguagem, nele apontado por Lacan? O questionamento de Derrida limita a aplicabilidade do estruturalismo à psicanálise e à poesia? O significante finda, na sua universalização, por tornar-se um recurso

ontológico nos remetendo sempre à castração como limite de toda significação? De qualquer forma, a visão psicanalítica que enreda o sujeito na teia significante e o torna causado pela sua posição na estrutura da Língua, continua tendo o limite obscuro da relação singular de cada sujeito com suas pulsões, no amor e na morte. Não é nesse lugar para além da estrutura que a poesia pode ser convocada a auxiliar a psicanálise? Justamente onde os princípios ordenadores, epistemológicos e legais, não conseguem reapropriar para o sujeito algo de sua vida?

A poesia não se insere aí nesse ponto onde todo edifício racionalista/idealista/positivista/estruturalista, por fim, no ponto onde todo edifício iluminista/moderno se esboroa? Isto é, no ponto mesmo onde Freud situa o inconsciente, fora do cogito, numa outra cena, nas trevas estrangeiras e íntimas de cada um de nós, ali onde nos habitam outros cujos desejos e lógicas desconhecemos? Portanto, é incoerente por princípio que algum discurso que se constitua no campo das luzes e da objetividade, dos teoremas e mandamentos, responda totalmente ao que a psicanálise nos propõe com a descoberta freudiana do inconsciente. Por isso, acredito que a interrogação sobre o lugar epistemológico da psicanálise através da sua relação com a poesia possa nos oferecer alguma surpresa. A surpresa articula-se com a coragem e o esforço poético para re-velar o que chega como inantecipável, indecidível, inassimilável, mas que exigirá um fazer saber, um criar para habitar **nosso** corpo e viver em **nosso** mundo.

Assim, mesmo que se possa aceitar a instrumentalização estruturalista lacaniana para o inconsciente freudiano, não há em cada criação poética e cada sintoma na clínica psicanalítica algo de único, de absolutamente singular? Portanto, é preciso que haja espaço para que a escritura seja fruto de uma relação singular com a linguagem, seja no caso de um gênio como Poe, seja no caso de qualquer um de nós! E que esse singular possa seguir desdobrando seu enigma, na crueldade e no amor, po-eticamente.

Também Ana Maria Rudge(1998) e Umberto Eco(1968) apontam o fechamento lacaniano em nome de seu projeto de fazer da psicanálise uma ciência. Na citação que faço de Rudge, há um trecho que indica o próprio reconhecimento disso por Lacan:

Sem dúvida é a incompatibilidade entre a especificidade da prática analítica e a ‘língua’ como estrutura sem sujeito que o leva [Lacan] a uma declaração que soa como uma confissão de sua desistência em relação ao projeto de tomar a lingüística estrutural como guia para uma delimitação da psicanálise como ciência humana:

‘É pela lingüística que a psicanálise poderia se engatar à ciência. Mas a psicanálise não é uma ciência, é uma prática’ (Rudge, 1998, p. 107).

Já Umberto Eco corrobora a idéia de que a sobredeterminação inconsciente da forma como Lacan a estrutura, através das Leis da Língua, leva ao derrisório de encontrar aquilo que já se sabe, *a priori*, estar lá; isto é, o óbvio, como o próprio Lacan diz no seminário em questão, ao citar as palavras do personagem Dupin, “it’s a little too self-evident”. O que me parece claro é que a psicanálise situa-se em direção oposta ao projeto iluminista da modernidade. A psicanálise enfrenta o que não é óbvio, mas novo a cada instante, mesmo que dentro de uma repetição. Nos diz Eco:

mas visto que o discurso psicanalítico em Lacan pretende pôr a nu a estrutura geral da determinação, somos obrigados a dizer o que suas conclusões comportam para qualquer pesquisa sobre o universo da comunicação (...) Para começar: toda pesquisa, se conduzida com rigor, deve dar-me sempre e de qualquer modo, sob as variações sobre as quais atua, o mesmo resultado; e reduzir todo discurso aos mecanismos do Outro que o profere. Ora, visto que esses mecanismos já são de antemão conhecidos, a função de toda pesquisa resume-se em verificar a Hipótese por excelência. Concluindo: toda pesquisa revelar-se-á verdadeira e frutífera na medida em que disser aquilo que já sabíamos. Não haverá descoberta mais fulgurante, ao lermos estruturalmente o Édipo Rei, do que descobrir que Édipo tinha o complexo de Édipo: porque, se se descobrisse alguma coisa mais este mais seria um a mais, espécie de carne não suficientemente roída recobrando o osso da determinação primeira. (Eco, 1997 [1968], p. 331).

Adotando-se o ponto de vista pragmatista de Richard Rorty (1997), a leitura lacaniana pode ser encarada como um bom uso do conto de Poe para uma determinada finalidade circunscrita por uma verdade contextual e consentida por um grupo, no caso, o dos psicanalistas que decidissem acompanhar Lacan no seu ensino. Ou seja, a verdade de que fala Lacan não pode ser uma verdade ontológica ou universal a não ser como método aplicável, como estratégia para uma *práxis*. De qualquer forma, parece-me que a obra poética emerge justamente desse ponto último onde se esboroam as possibilidades simbólicas ou metodológicas e é

preciso criar. Podemos denominar a esse ponto último: abismo, limite, absurdo, castração, umbigo, impossível, real, etc; o que não podemos é reduzir a arte, a criatividade, enfim, a poesia, a mero instrumento para uma ilustração científica ou teórica sem estarmos avisados e conscientes disso! Retorna a pergunta: o que a poesia pode dizer do lugar epistemológico da psicanálise entendendo e esperando ter sustentado que poesia e psicanálise possuem uma estreita vinculação?

Afigura-se para mim que é justamente esse sujeito, excluído da cena do escrever por Lacan, quando este afirma que uma carta sempre chegará a seu destino e que o próprio conto de Poe foi escrito em função disso e nada mais, é esse sujeito que é poético lá onde se engata com a pulsão e o além de toda compreensão do que seja a pulsão, e não com a ciência e a filosofia; desenclausurando-se da soberania do significante ou qualquer outro principado, como buscador e criador de sentido. Se o inconsciente segue remetendo a um impossível de compreender, a poesia segue surgindo como esforço inaugural na busca por re-velar esse além. Se a psicanálise pode olhar o mundo buscando fazer saber sobre esse desconhecido que segue chegando, seu papel parece-me ser o de evitar os grandes fechamentos, as tiranias do conhecimento e da moral, sustentar o debate e o direito à diferença, ao imprevisível, ao mais estranho e tudo isso que faz nascer a poesia.

Hamilton Carrol no artigo “The Analyst’s New Clothes: Lacan, Derrida and the Pursuit of Truth in *Le Facteur de la Vérité*” nos diz o seguinte ao analisar o comentário de Derrida sobre o seminário de Lacan:

For Derrida truth comes, if at all, at a price. In the case of Lacan’s Seminar on ‘The Purloined Letter’, this price is the exclusion of the narrative scene of writing and all that entails: the uncanny doubling of the narrator, Dupin, the Minister, etc.; the textual drift that both analyses and denies analysis. The pursuit of truth carries with it the impossibility of its own realization. The finding of truth takes place only within a violently binding and limiting analysis that is blind to its own failings. Therefore, psychoanalysis finds itself/is found only within a limited site of analysis. The disseminating power of the letter, both as signifier and word, forestalls and prevents absolute interpretation. (Carrol, s/d, p. 13)

A verdade, o conhecimento, a resposta à pergunta “o que é?”, a interpretação exata, a castração como significação soberana, todas essas

modalidades de uso da palavra, tão presentes na nossa tradição não se sustentam diante da poesia. O inconsciente, entendido à Derrida “como um conjunto de rastros que a linguagem lê conectando-os entre si e buscando dar sentido a essa leitura” (Major,2001/2002, p. 61) é muito diferente de um inconsciente submetido a uma lógica do significante fechada que chega sempre, na compulsão à repetição, ao mesmo eterno e funesto destino, a castração, ordenada pelo falo, pelo Outro, ali onde a falta dá significação ao impossível. É o próprio Freud quem nos autoriza a diferenciar inconsciente de Língua ou Linguagem ao comparar o sonho a um hieróglifo:

Se pensarmos que os meios de representação nos sonhos são principalmente imagens visuais e não palavras, veremos que é ainda mais apropriado comparar os sonhos a um sistema de escrita do que a uma linguagem. Na realidade, a interpretação dos sonhos é totalmente análoga ao deciframento de uma antiga escrita pictográfica, como os hieróglifos egípcios. (...) A ambigüidade dos diversos elementos dos sonhos encontra paralelo nesses antigos sistemas de escrita, bem como a omissão de várias relações, que em ambos os casos tem de ser suprida pelo contexto (Freud, 1913, p. 212).

A linguagem do sonho, assim, é muito mais próxima de uma escritura que se dissemina e desdobra do que de uma Língua cujo funcionamento baseado numa estrutura universal e permanente aprisiona a todos que nela entram sob uma única égide. O destino funesto não se reduz a uma significação final, mesmo que essa seja a castração. O destino de uma carta é seguir desdobrando-se e, eventualmente, partindo-se. Prefiro, e essa é uma postura ética, creditar à poesia, como resistente ao *logos* e às clausuras metafísicas, a possibilidade de seguir fazendo chegar o impossível de se explicar da crueldade de um destino funesto ou da beleza de um destino feliz. A poesia re-vela a origem impossível, seja a do destino que se repete seja a sua própria, e segue re-lançando, em destinação errante, o enigma, sob a égide do imprevisível, do incontrolável. A poesia, portanto, não é a chave da verdade, mas sim aquilo que possibilita o re-velar e re-lançar dessa verdade, para adiante, para destinos imprevisíveis, para a eterna novidade e estranheza do mundo, para o além do além, para o próprio impossível, como arma do bicho homem na sua luta por viver.

Por fim, Derrida parece-me não querer ocupar um lugar de herdeiro da verdade de qualquer texto ou autor porque, se um texto carrega uma verdade, é nessa articulação incessante entre origem rasurada e reenvio dessa origem para o *a posteriori*. Contudo, para Derrida (1975) é desse lugar de herdeiro de Freud e carteiro (*facteur*) da verdade da psicanálise que Lacan fala no seu seminário sobre o conto *The Purloined Letter*. O conto de Allan Poe seria, portanto, apenas uma ilustração da verdade que a psicanálise já detém e que Lacan soube extrair do texto de Freud. Contudo, se, por um lado, Derrida (1975) marca a *différance* e liberta a poesia – no caso o conto de Allan Poe – de um fechamento falologocêntrico do sentido, por outro lado, o filósofo franco-argelino, pode ser colocado no mesmo tipo de situação que Lacan ao estabelecer uma interpretação plena para seu seminário sobre o conto de Poe.¹⁵⁰ Segundo Barbara Johnson (1996) o que Derrida discute não é propriamente o seminário de Lacan sobre *A Carta Roubada*, mas sim o lugar de saber e poder ocupado por Lacan no discurso francês contemporâneo – e na poltrona de analista! Justamente o lugar de poder da fala que recalca a escritura e assegura a chegada da carta ao seu destino. Contudo, se estamos aqui reenviando a carta é porque sua destinação final (assim como sua origem definitiva) não foi determinada. A *Bahnung*, assim como a carta/letra, segue

¹⁵⁰ Na interessante conferência “For the Love of Lacan”, Derrida rebate esse tipo de análise dizendo que não fez uma leitura totalizante, homogeneizante ou crítica do Seminário sobre “The Purloined Letter”, e insere seu trabalho “Le Facteur de la Vérite” numa cena que não poderia ser formalizada ou totalizada: “Thus, not only was I not criticizing Lacan, but I was not even writing a sort of overseeing or objectifying metadiscourse *on* Lacan or *on* a text of Lacan’s. My writing involved me in a scene, which scene I was showing at the same time (no doubt in small phrases that no one reads) could not be closed or framed. All of this has *since* been constantly put back into play in other scenes *en abyme* that have been deployed here and there (...) the argument of “Le Facteur de la Vérite” does not lend itself to being framed in the text bearing this title; it is played, set adrift in *The Post Card*, the book with that title, which inscribes “Le Facteur de la vérite” like a piece in a borderless fiction” (Derrida, 1998 [1996]). Derrida indica também que o discurso lacaniano, sempre muito sensível aos movimentos da cena teórica seguiu reajustando-se, e que seu trabalho em relação a Lacan tratou apenas de uma “firme e razoavelmente estabilizada configuração do pensamento lacaniano” dentro, todavia, de um percurso que continuou. Por outro lado, parece-me que Lacan em *Lituraterra* critica Derrida por buscar “uma ascese da escrita”. Derrida, de fato, não me parece ter acreditado na possibilidade de uma ciência da escrita ao escrever sua *Gramatologia*. A desconstrução, ele cansa de nos lembrar, trata do impossível. Donos de uma escrita poética, teriam Lacan e Derrida lido um ao outro de forma a conter a disseminação da letra? O fato é que com todo amor que possa ter havido entre eles, não apenas a “relação sexual” não aconteceu, como por conta disso a disseminação de suas palavras segue causando escritas indecifráveis que não necessariamente encontram a falta ou a castração como lugar soberano e seguem re-lançando o jogo.

causando, participando e até exigindo, a cada retorno do mais íntimo e estranho, um esforço de poesia para seguir re-velando e re-inventando o sentido do que nunca o terá plenamente porque continuará chegando, caleidoscopicamente, para além dos princípios, leis e interpretações existentes, re-velado a cada impossível vez.